DISCURSO PROFERIDO PELO PROFESSOR ASSOCIADO
RUBENS AZZI LEAL* NA CERIMÔNIA COMEMORATIVA
DO 12.^o ANIVERSÁRIO DO FALECIMENTO DO PROF. GE-
RALDO H. DE PAULA SOUZA, FUNDADOR E PRIMEIRO
DIRETOR DA FACULDADE DE HIGIENE E
SAÚDE PÚBLICA

Senhora Paula Souza

Senhores Professores

Senhoras e Senhores

A data de hoje se reveste, para todos nós discípulos de Paula Souza, de intenso significado. Há doze anos falecia, em pleno labor, o saudoso mestre.

Anualmente, nesta efeméride, cumpre a um dos membros desta Casa relembrar a inolvidável figura do seu fundador. Coube-me hoje a missão de falar em nome da Colenda Congregação, por designação do Senhor Diretor. É encargo que transcende de minhas possibilidades — eu o reconheço — mas que pela sua própria significação — a de uma sentida homenagem à sua inesquecível figura, não permitiria recusa.

A personalidade marcante de Paula Souza, a vida intensa que viveu, a obra grandiosa que nos legou, oferecem tais e tantas facetas a analisar e recordar que, paradoxalmente, torna-se difícil fazê-lo, inda mais dentro das naturais limitações de uma singela oração de saudade.

Com freqüência, em ocasiões semelhantes, têm sido lembrados aspectos culminantes da sua obra, referentes às suas realizações no campo do magistério universitário e da saúde pública. Formado pela Escola de Higiene da Universidade de Johns Hopkins, juntamente com seu inseparável amigo e grande sanitista também, Borges Vieira, desde então dedicou sua vida à medicina preventiva. Sua atuação à testa do antigo Serviço Sanitário do Estado constituiu verdadeiro marco da nossa história sanitária: criou os Centros de Saúde, introduziu o regime de tempo integral de trabalho, instituiu a cloração das águas de abastecimento, remodelou completamente a estrutura da nossa organização sanitária, dando novo e fecundo sentido a toda a saúde pública paulista.

No campo do ensino, destaca-se sua atividade pioneira como catedrático de Higiene da Faculdade de Medicina, onde tivemos a honra de ser seu assistente, já em 1936. Foi o fundador e diretor do Instituto de Higiene, onde criou, entre outros, vários cursos regulares de saúde pública para formação de médicos

* Professor Associado da Cadeira de Parasitologia Aplicada e Higiene Rural da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP.

sanitaristas, educadores sanitários e nutricionistas, e, finalmente — a coroação de toda sua obra educacional — fundou esta Faculdade de Higiene e Saúde Pública, sem favor um dos mais pujantes centros de ensino da Saúde Pública no mundo.

Ultrapassando as lindes de nossa Pátria, projetou-se Paula Souza no âmbito internacional, no Comitê de Higiene da antiga Ligas das Nações, na UNRRA e na Organização Mundial de Saúde.

A sumária e incompleta menção que acabamos de fazer de suas realizações, que nos impressionam pelo vulto e multiplicidade, justifica de sobejo que tenha sido este o aspecto da vida de Paula Souza que mais freqüentemente foi abordado pelos seus biógrafos, aqui e alhures. Mas, na figura impressionante de Paula Souza, muito resta ainda que analisar e que admirar. O tempo transcorrido é ainda insuficiente para que se possa conhecer, julgar e avaliar, na sua plenitude, o sentido e a profundidade de sua vida e sua obra.

É mister que todos que tiveram a ventura de ser seus colaboradores ou discípulos tragam seus depoimentos e recordações do mestre, para que se torne possível aos pósteros avaliar com justeza o que hoje não podemos apreciar em toda sua extensão. E, nesse pensar, nós que tivemos o privilégio de com êle conviver durante duas décadas, queremos, hoje, trazer nossa modesta contribuição, destacando um aspecto de sua personalidade, para nós, o fundamental, e que explica a surpreendente atuação deste eminente brasileiro. E esse traço marcante, que como um “leit-motiv” acompanha toda sua vida, era a sua Fé. Fé, não como virtude teologal, mas como atitude espiritual que leva, pelo seu vigor irresistível, à concretização de nobres ideais.

Geraldo de Paula Souza foi um homem de fé: fé serena, profunda e inabalável nos homens, na ciência e na vida, fé que foi a grande mola propulsora de toda sua obra. Fé arraigada profundamente no seu coração, de tal forma que diríamos, repetindo Cícero, não poderia ser arrancada nem pela violência, nem pela astúcia.

A fé foi, a nosso ver, o aspecto dominante e característico da personalidade de Paula Souza. Foi a força indomável que lhe deu inspiração e energia para a idealização e a efetivação de sua obra imorredoura e diversificada, mas que tinha como denominador comum o amor e o respeito ao Homem, como a mais pura e elevada expressão de criatura divina. E por esse prisma via Paula Souza o mundo, acreditando inabalavelmente em tudo o que de bom, nobre e belo existe no universo, como também era boa, nobre e bela a sua alma: “l’univers n’est que le reflet de notre âme”. Pensava e agia construtivamente, positivamente, procurando e encontrando o lado bom de tudo, ao contrário daqueles cuja principal atitude se resume em criticar, menosprezar, destruir, quando não se quedam no comodismo da inércia e indiferença.

Paula Souza acreditava religiosamente no homem, na família, na sociedade, nas instituições, na ciência, na solidariedade humana, na Pátria, na cooperação

internacional e, como meio de atingir seus nobres objetivos, acreditava no poder do estudo, do trabalho e de um espírito aberto, compreensivo e cooperador.

Porquê pôde êle reunir, em tórno de si, uma plêiade de discípulos dedicados, que ainda aqui estão produzindo e trabalhando no sagrado afã de continuar e perpetuar a obra e a tradição do mestre? Seria apenas pelo fascínio de sua personalidade e da sua invulgar cultura? Mais do que isso: é que para todos êles, transparecia límpida a fé que o chefe neles depositava, o que lhes impunha — aos moços de então — a plena consciência do seu dever e lhes transfundia o entusiasmo e a confiança do mestre. E porque assim agia, Paula Souza era um líder inigualável, que, a despeito da amenidade de seu trato, sempre manteve o respeito que de todos merecia e o prestígio hierárquico que lhe advinha de fonte natural e legítima e nunca de autoritária imposição.

Tinha Paula Souza fé nos homens, vislumbrando sempre através da ganga das terrenas imperfeições, o universal anseio de bondade e de justiça que Deus incutiu no homem. Acreditava êle no homem como indivíduo isolado e como ser gregário; na família — de que a sua é modelo incomparável —, na sociedade e nas instituições democráticas por ela criadas. Confiava no Brasil e no seu futuro, não com romântico “ufanismo”, mas com plena convicção de que nossas dificuldades são próprias do período de desenvolvimento que vivemos e que, superada essa fase, caminharemos inelutavelmente para um grandioso destino. Tanto mais digno de realce êsse patriotismo, quando sabemos que fez grande parte de seus estudos no estrangeiro e mercê da posição de destaque internacional que ocupava, bem conhecia as mais modernas conquistas do mundo civilizado. Mas era sua Pátria, seu torrão natal, que lhe merecia um amor acrisolado em harmônica continuidade da tradição patriótica de seus antepassados, já no Império, já na Convenção de Itú, já no regime republicano.

Acreditava Paula Souza firmemente no valor do estudo, do trabalho — clima, em que sempre viveu — na ciência como um todo e, especialmente, na saúde pública, a qual devotou, tôda sua vida. E isso, conjugado com sua fé na solidariedade humana fê-lo lídimo paladino da aplicação da ciência sanitária em benefício do povo. Essa foi a sua pregação constante, cujos frutos, ainda em vida, viu amadurecerem no êxito das grandes iniciativas sociais de que foi o mentor, e que visavam a melhoria do padrão educacional e sanitário do trabalhador.

E no setor internacional ainda essa mesma fé nos altos ideais da ciência sanitária e na necessidade de cooperação entre as nações, fêz com que êle fôsse o bom semeador que lançou as bases da Organização Mundial de Saúde, para cuja criação contribuiu decisivamente, ganhando para sua idéia — pela sua crença e pelo seu singular poder de persuasão — o apôio das grandes potências, na Conferência de São Francisco.

Criada a OMS, o reconhecimento universal da vigorosa atuação de Paula Souza e das suas excelentes qualidades de cultura e liderança, elevou-o aos mais importantes cargos na novel organização.

E começa, então, outra fase brilhante de sua vida, infelizmente, a derradeira. Desenvolvendo intenso labor no âmbito internacional, realizando sucessivas viagens por todo o mundo, já com a saúde abalada, sacrificou-se Paula Souza, imolou-se no altar de sua fé e da sua crença pelos seus sublimes ideais. O esforço inaudito de toda a sua vida, que já lhe havia exigido o sacrifício de suas conveniências pessoais e do doce convívio de sua família, veio a exigir agora um outro, o último, do qual Paula Souza, como médico, tinha plena consciência. Não obstante, prosseguiu na extenuante luta e pagou o preço final que lhe era exigido — o sacrifício de sua vida.

Completam-se hoje doze anos que aquele coração generoso, que tão intensamente palpitou por tudo que era nobre e legítimo, quedou inerte, pondo termo a uma vida que, entre o gemido do nascimento e o gemido da morte, brilhou com luz ofuscante, que é ainda hoje e será por todo o sempre, o fanal imperecível a iluminar o caminho da redenção sanitária da nossa Pátria.

São Paulo, 2 de maio de 1963

Fig. 3 - Assinatura das Convenções Sanitárias Internacionais de 1944, Washington, D.C., 1.º de maio de 1945.

Sentados (da esq. p. direita): Lord Halifax (Grã-Bretanha); Prof. Andre Mayer (França); Secretário de Estado Edwards Stettinius (Estados Unidos); Embaixador da Polónia, e Sr. Herbert H. Lehman, Diretor Geral da UNRRA. **Em pé** (da esq. p. direita): Dr. Wilbur A. Sawyer, Diretor da Divisão de Saúde da UNRRA; Dr. P. W. Kuo, Diretor da UNRRA; Sr. Habicht; Sr. Francis B. Sayre, Conselheiro Diplomático da UNRRA, e Dr. G. H. de Paula Souza, Chefe da Divisão de controle Epidemiológico da UNRRA.

A morte súbita de Geraldo Horácio de Paula Souza, a 2 de maio de 1951, na véspera de sua partida para Genebra, onde participaria da IV Assembléia Mundial de Saúde, a todos surpreendeu e feriu.

Em sua memória realizaram-se sessões solenes, e cartas de condolências de seus pares e amigos afluíram de todos os quadrantes da terra. Nelas, num mesmo acarreto com as expressões de pesar, sua personalidade de escol foi exaltada.

Por sua importância documentária, consideramos oportuno reproduzir:

1. a conferência do Prof. Rodolfo dos Santos Mascarenhas, sob o título "Paula Souza, o Sanitarista Social", realizada em 1951 na Associação Paulista de Medicina, que história, principalmente, sua atuação durante os sete anos em que foi Diretor Geral do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo.
2. O discurso da Rajkumari Amrit Kaur, Presidente da IV Assembléia Mundial de Saúde, que situa Paula Souza como um dos fundadores e conselheiros da Organização Mundial de Saúde.
3. Fac-similes de algumas dentre as inumeráveis cartas do arquivo de sua digníssima esposa, depoimentos da universalidade de Paula Souza, e do alto conceito em que era tido pelos seus companheiros de trabalho no campo da saúde pública.